



Projeto G.A.M.E.

BOLETIM MENSAL PARA CONTRIBUIDORAS

APRESENTAÇÃO

Olá, vivendo os melhores dias da sua vida?

Você está recebendo esse boletim pois contribuiu com o financiamento coletivo do Projeto G.A.M.E. A ideia é que você receba-o junto com o e-mail que é enviado até o dia 15 de cada mês para as pessoas que contribuíram.

Nesse boletim virá sempre:

- Um resumo das atividades do projeto no mês;
- Uma cópia da prestação de contas disponível no blog;
- Divulgação de qualquer evento relacionado ao projeto;
- Uma indicação de conteúdo feita por mim, Marcus;
- Um resumo de duas biografias e um episódio histórico;

Qualquer dúvida, crítica ou sugestão, estou sempre aberto para o diálogo, principalmente com vocês que, de alguma forma, acreditaram no projeto. A melhor forma de entrarmos em contato, para mim, é por e-mail (marcusfoliveira@gmail.com), mas se para você outra forma for melhor, podemos providenciar algo, basta dizer.

RESUMO: JULHO de 2020

Nesse mês tivemos a continuação de duas das aulas que aconteceram por videoconferência no mês passado: Clínica Psicorporal das Psicoses e dos Transtornos Mentais e Análise do Caráter III; a professora de Vegetoterapia II fez questão de que houvesse um encontro presencial, então não houve um segundo encontro online desse curso, reservando esse tempo para um encontro presencial assim que isso for possível novamente.

Na aula de Clínica Psicorporal das Psicoses e dos Transtornos Mentais falamos do Transtorno de Estresse Pós-Traumático e de como este pode ser entendido dentro da clínica reichiana; discutimos o impacto que a situação socioeconômica das pessoas tem na sua exposição a situações traumáticas, falamos sobre o estatuto temporal do trauma, ou seja, se efetivamente existe um “pós-trauma” ou se o trauma, como evento que cria um registro negativo, sempre se atualiza nessas situações de emergência de angústia, medo e outros sentimentos relacionados. Esse assunto do trauma se relacionou com o nosso momento atual de pandemia, e nisso falamos um pouco sobre enclausuramento e encarceramento, atravessando os assuntos e fazendo reflexões sobre o que o nosso cenário atual pode oferecer de possibilidade para pensarmos essas questões em um nível mais estrutural em nossa sociedade.

Na aula de Análise do Caráter III o Pedro trouxe uma intersecção entre o conceito de Peste Emocional, que ele trabalhou no encontro anterior, com os conceitos de Banalidade do Mal e Totalitarismo de Hannah Arendt, num movimento que eu achei bem interessante de procurar fazer essas pontes entre a obra reichiana e outras produções de conhecimento que possam enriquecer a prática e a reflexão clínica. Esse conceito de Banalidade do Mal de Hannah Arendt me parece muito interessante como ferramenta para observarmos a realidade social e encontrarmos possibilidades de transformá-la, e acredito que essa potência desse conceito vem justamente do seu contexto de elaboração: ao observar o julgamento de Otto Adolf Eichmann, oficial nazista que foi um dos maiores organizadores do Holocausto, ela afirmou que ele não era um fanático ou sociopata, mas uma pessoa mediana e comum que confiou em clichés para a sua defesa ao invés de pensar por si próprio, foi motivado por promoção profissional ao invés de ideologia – “banalidade”, nesse caso, não quer dizer que as ações de Eichmann foram ordinárias ou mesmo que haja um Eichmann em potencial em cada uma de nós, mas que suas ações foram motivadas por uma espécie de complacência totalmente excepcional.

PRESTAÇÃO DE CONTAS: MÊS DE ANO

Pessoas Apoiando

Categoria “Chegando Junto”

Categoria “Levantando a Mão Para Perguntar”

- Lizia Regina
- Paula Xisto

Categoria “Somando, um Trocadilho Grego”

Categoria “Multiplicando Vozes”

Categoria “Colocando na Estante”

Categoria “Categoria Preceptor”

Contribuições Financeiras

Total arrecadado: R\$17.146,29

Total arrecadado no mês: R\$52,31

Total gasto no mês: R\$0,00

Nesse mês nosso Projeto sofreu o impacto dessa pseudo-quarentena no financiamento coletivo; se olharmos para os últimos meses, inclusive, vemos que essa situação trouxe uma estrutura de montanha-russa para as nossas finanças. Mas como muitas coisas dependem da forma como a gente olha, não podemos deixar de salientar como mesmo nesse cenário conturbado algumas pessoas continuam acreditando e contribuindo com o nosso financiamento coletivo – muito obrigada por isso, pessoal!

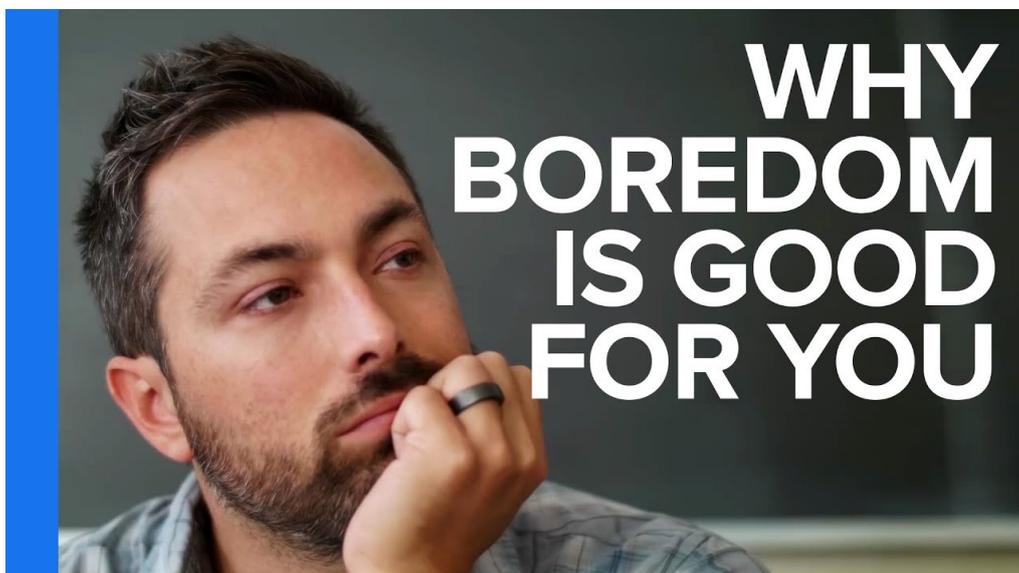
A segunda parte das aulas de dois de três cursos aconteceram esse mês, nos dias 10 e 11; a Denise, professora do curso Vegetoterapia II, quis que a aula tivesse uma parte prática, então esse encontro ainda está por ser marcado, devido à pandemia atual de COVID-19. Também por conta dessa pandemia, o pagamento dos cursos esse mês foi feito por transferência bancária de outras contas, então não foi feito nenhum saque da conta do Projeto nesse mês, utilizei dinheiro próprio para pagar essas aulas – foram R\$200,00 do curso Análise do Caráter III, R\$100 do Vegetoterapia II e R\$100,00 de Clínica Psicorporal das Psicoses e dos Transtornos Mentais, ainda havendo os R\$100,00 a pagar quando houver o encontro presencial de Vegetoterapia II; em um futuro próximo, quando estiver menos complicado ir ao banco, devo fazer o saque da conta do Projeto para repor esse dinheiro.

INDICAÇÃO DO MÊS – VERITASIUM

Uma coisa que eu acho fantástica nessa época que estamos vivendo é a possibilidade que a internet trouxe de qualquer pessoa se educar sobre os mais diversos assuntos; hoje, com a internet do jeito que está, você pode pesquisar sobre qualquer tema que quiser e muito provavelmente encontrará conteúdos suficientes e acessíveis para iniciar ou continuar os seus estudos sobre.

Antes da popularização da internet e do fenômeno que se tornou a plataforma, a imensa maioria da divulgação científica era feita em revistas especializadas que mal chegavam ao público, e vez por outra alguma coisa chegava na televisão. Entre os canais que eu conheço no YouTube de divulgação científica, um dos que mais gosto é o Veritasium (<https://www.youtube.com/c/veritasium>), do australiano Derek Miller; o canal me foi apresentado através de dois vídeos que falavam do plataforma Facebook, de como o modelo de negócios da plataforma era ruim para a produção de conteúdo de qualidade (e, para o espanto de ninguém, anos depois o mesmo canal teve que fazer um vídeo semelhante sobre o YouTube). Recentemente a maioria dos vídeos do canal está sendo legendada em português, o que permite que nós, por aqui, possamos desfrutar do seu excelente conteúdo.

Para que possam conhecer o canal, eu gostaria de recomendar três vídeos: o primeiro fala sobre o tédio e porque ele é bom para nós (<https://www.youtube.com/watch?v=LKPwKFigF8U>); o segundo fala sobre a ciência do pensar, mostrando por que é difícil pensar (<https://www.youtube.com/watch?v=UBVV8pch1dM>); o terceiro fala sobre o conceito de Pós-Verdade e traz algumas reflexões sobre isso (<https://www.youtube.com/watch?v=dvk2PQNcg8w>). Todos os três vídeos possuem legendas em português, e realmente acredito que todas as pessoas têm bastante a ganhar ao assistir esses vídeos e pensar nas questões que eles abordam.



CURIOSIDADES HISTÓRICAS



Mary Shelley (1797 – 1851)

Novelista inglesa, escreveu em 1818 o livro “O Prometeus Moderno” ou “Frankenstein”, uma obra fundamental para quem gosta do estilo gótico, de terror e ficção científica; algo a se destacar sobre sua obra é que embora o monstro de seu livro tenha ficado conhecido popularmente como Frankenstein, esse não é o seu nome – Frankenstein é o nome do cientista que cria o monstro. Mary Shelley também editou e promoveu os trabalhos de seu marido, o filósofo e poeta romântico Percy Bysshe Shelley. Sua mãe foi a filósofa e feminista Mary Wollstonecraft e seu pai o filósofo político William Godwin, que algumas pessoas inserem no campo do pensamento anarquista.

Até os anos 1970 Mary Shelley era majoritariamente conhecida por seus esforços para publicar os trabalhos de seu marido e seu romance Frankenstein (que ela concebeu em 1816, em um verão que passou com seu marido junto a Lord Byron, John William Polidori e Claire Clairmont perto de Geneva), que continua amplamente lida e inspirou muitas adaptações para o teatro e cinema. Pesquisas recentes trouxeram à tona uma visão mais ampla sobre as conquistas de Mary Shelley. Acadêmicos tem demonstrado crescente interesse em sua produção literária, particularmente em seus romances, que inclui os romances históricos Valperga (1823) e Perkin Warbeck (1830), o apocalíptico The Last Man (1826) e seus dois últimos romances, Lodore (1835) e Falkner (1837). Estudos de seus livros menos conhecidos, como o livro de viagens Rambles in Germany and Italy (1844) e os artigos biográficos para a Dionysius Lardner’s Cabinet Cyclopaedia (1829 – 1846), suportam a ideia de que Mary Shelley foi e permaneceu uma radical política durante a sua vida. Os seus trabalhos geralmente defendem que cooperação e simpatia, particularmente quando praticados pelas mulheres no seio familiar, são formas de melhorar a sociedade. Esse ponto de vista era um contraponto direto e um desafio ao *ethos* individualista romântico promovido por seu marido e às teorias políticas iluministas articuladas por seu pai. As tentativas de seu filho e nora de “Victorianizar” a sua memória através da censura de documentos biográficos contribuiu para a percepção de Mary Shelley como alguém mais conservadora, menos reformista, do que suas obras sugerem; suas próprias omissões em relação ao trabalho do marido e seu distanciamento silencioso de controvérsias públicas em seus últimos anos adicionaram a essa impressão.

Pierre-Félix Guattari (1930 – 1992)



Nascido em um subúrbio operário próximo de Paris, Guattari foi analisando e treinado em Psicanálise por Jacques Lacan no início dos anos 1950. Subsequentemente, ele trabalhou a sua vida toda na clínica psiquiátrica experimental La Borde, sob a direção do psiquiatra Jean Oury, pupilo de Lacan. La Borde foi um local de conversação entre vários estudantes de Filosofia, Psicologia, Etnologia e Serviço Social. Uma orientação particularmente nova desenvolvida em La Borde consistia na suspensão do clássico par analista/analizando em favor de uma confrontação aberta em terapia de grupo. Em contraste com o estilo individualista da escola freudiana de análise, essa prática estudava as dinâmicas de vários assuntos em interações complexas. Isso levou Guattari a uma exploração filosófica mais ampla de, e maior engajamento político com, uma vasta matriz de domínios intelectuais e culturais (arquitetura, filosofia, linguística, etnologia, psicologia, etc.)

Entre 1955 e 1965 Guattari editou e contribuiu com um jornal trotskista chamado “*La Voie Communiste*” (“A Via Comunista”, em tradução livre); se aliou a lutas anticolonialistas e aos Autonomistas Italianos; tomou parte no grupo que juntou vários psiquiatras no começo dos anos 1960 e criou a *Association of Institutional Psychotherapy* em novembro de 1965; à mesma época fundou, junto de outras pessoas, a *Federation of Groups for Institutional Study & Research*; Guattari era conhecido por participar de vários grupos e articulações.

Em 1968 conheceu Daniel Cohn-Bendit, Jean-Jacques Lebel e Julian Beck, participando da movimentação que ficou conhecida como Maio de 68 em Paris, iniciando com o movimento de 22 de março. Foi depois de 1968 que Guattari conheceu Gilles Deleuze, na Universidade de Vincennes, e começaram a trabalhar no que seria o seu famoso livro *O Anti-Édipo* (1972), que Michel Foucault descreveu como “uma introdução à vida não-fascista” no prefácio que escreveu para o livro. Produtivo durante toda a sua vida, em seu último livro, “*Chaosmosis*” (1992), Guattari retornou à questão da subjetividade, como produzi-la, coletá-la, enriquecê-la, reinventá-la permanentemente de forma que possa ser compatível com universos de valores mutantes. Faleceu de um ataque cardíaco enquanto estava na clínica experimental La Borde, duas semanas após dar uma entrevista a uma emissora de televisão grega.

Sanção da Lei nº 11.340



A Lei Maria da Penha é uma lei federal brasileira, cujo objetivo principal é estipular punição adequada e coibir atos de violência doméstica contra a mulher. Desde a sua publicação em 2006 é considerada pela ONU como uma das três melhores legislações do mundo no enfrentamento à violência contra as mulheres. Segundo dados

de 2015 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a lei contribuiu com a diminuição de cerca de 10% na taxa de homicídios contra mulheres praticados dentro das residências das vítimas. O caso que a lei homenageia é o de Maria da Penha Maia Fernandes, que era casada com Marco Antônio Heredia Viveros, que cometeu violência doméstica durante 23 anos de casamento e por duas vezes tentou assassiná-la. Na primeira vez, com arma de fogo, deixou-a paraplégica, e na segunda, por eletrocussão e afogamento. Após essa tentativa de homicídio ela o denunciou, pôde sair de casa devido a uma ordem judicial e iniciou a batalha para que ele fosse condenado. O caso foi julgado duas vezes e, devido alegações da defesa de que haveria irregularidades, o processo continuou em aberto por alguns anos.

Em razão desse fato a vítima junto a instituições de defesa dos direitos humanos e da mulher de âmbito internacional formalizaram denúncia à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA, ocasião em que o país foi condenado por não dispor de mecanismos suficientes e eficientes para proibir a prática de violência doméstica contra a mulher, sendo acusado de negligência, omissão e tolerância. Além disso, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos recomendou a finalização do processo penal do agressor de Maria da Penha, a realização de investigações sobre as irregularidades e os atrasos no processo, a reparação simbólica e material à vítima pela falha do Estado em oferecer um recurso adequado para a vítima e, por fim, mas não menos importante, a adoção de políticas públicas voltadas à prevenção, punição e erradicação da violência contra a mulher.

A lei alterou o Código Penal possibilitando que agressores de mulheres em âmbito doméstico ou familiar sejam presos em flagrante ou tenham sua prisão preventiva decretada. Estes agressores também não poderão mais ser punidos com penas alternativas. A legislação aumenta o tempo máximo de detenção previsto de um para três anos; a lei prevê, ainda, medidas que vão desde a remoção do agressor do domicílio à proibição de sua aproximação da mulher agredida.